

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
RAPHAELA C. PONCIANO GOMES

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II

A CRIANÇA E O BRINCAR NO ESPAÇO URBANO

Ouro Preto

2019

Raphaela Cristina Ponciano Gomes

A Criança e o brincar no espaço urbano

Trabalho Final de
Graduação (2ª Etapa)
apresentado ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito
para a obtenção do grau de
Bacharela em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientadora: Natália Lelis

Ouro Preto

2019

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633a Gomes, Raphaela Cristina Ponciano Gomes.
A criança e o brincar no espaço urbano. [manuscrito] / Raphaela
Cristina Ponciano Gomes. - 2019.
45 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Natália Lelis Lelis.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Espaços públicos. 2. Crianças da cidade . 3. Ouro Preto (MG). I.
Lelis, Natália Lelis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 72:711.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 20 de dezembro de 2019, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **A CRIANÇA E O BRINCAR NO ESPAÇO URBANO**, do aluno(a) **RAPHAELA C. PONCIANO GOMES**.

Compuseram a banca os professores(as) **NATÁLIA LELIS**, **ALICE VIANA DE ARAÚJO** e **FLORA D'EL REI LOPES PASSOS**. O trabalho foi APROVADO, com a nota 7,0.

Natália Lelis

Orientador(a)

Alice Viana de Araújo

Avaliador 1

Flora d'El Rei Lopes Passos

Avaliador 2

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e discutir os espaços de brincar inseridos no contexto urbano, analisando a experiência da criança nesses espaços. Através disso é apresentada uma análise de um resgate histórico da tematização dos espaços urbanos que são destinados à criança em Arquitetura e Urbanismo com o objetivo de contribuir para a definição de quais os principais pontos a ter em mente nos planos e projetos urbanos que propõem espaços destinados às crianças. Procurando então entender principalmente como os arquitetos e urbanistas lidam com os espaços de brincar na cidade. Através de pesquisas em teses, artigos e livros que desenvolvem se em torno da criança na cidade, a criança nos espaços públicos, pesquisas que busca analisar e compreender a criança dentro do espaço público.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Brincar. Ouro Preto. Parquinho. Criança e cidade. Arquitetura e Urbanismo

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier

Figura 02 - Equipamento existente no parque infantil

Figura 03 - Equipamento existente no parque infantil Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier

Figura 04 - Equipamento existente no parque infantil Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier

Figura 05 - Equipamento existente no parque infantil

Figura 06 - Ilustração do espaço de brincar na escola

Figura 07 - O bairro onde eu morro

Figura 08 - Ilustração do Tales

Figura 09 - As crianças nas carteiras em filas

Figura 10 - Espaço proteção meu apartamento

Figura 11 - terreno do Playgrounds de Bertelmanplein

Figura 12 - Playgrounds de Bertelmanplein

Figura 13 - Playgrounds de Bertelmanplein

Figura 14 - Junk playgrounds em Emdrup, Copenhaga, 1943

Figura 15 - Robinson playground em Zurique, Suíça, 1955-1960

Figura 16 - Robinson playground em Zurique, Suíça, 1955-1960

Figura 17 - Jacob Thijsseplein, 1950

Figura 18 - Van Hogendorpplein, 1955

Figura 19 - High Line

Figura 20 a 21 - Imagens atuais do High Line

Figura 22 - Avenida Paulista

Figura 23 - Imagens atuais da avenida São Paulo

Figura 24 a 25 - Atividades realizadas na Avenida Paulista

Figura 27 - Atividade do dia da leitura na praça a 26 Praça Gomes Freire

Figura 28 - Luzes de natal

Figura 29 - População se refrescando no evento da Praia na Estação

Figura 30 - Criança espantando o calorão na Praia da Estação

Figura 31 - Exemplos de brinquedos

Figura 32 - Crianças brincando na rua

Figura 33 - Crianças brincando em estruturas metálicas e fonte de água em Bernhardpark, 1968

Figura 34 - Crianças se refrescando em fonte de praça em Belo Horizonte

LISTA DE SIGLAS

ALCAN - Alcan Alumínios do Brasil

UFOP Universidade Federal de Ouro Preto

TEAM - Movimento de jovens Arquitetos, que pretendia a reforma dos princípios e métodos adoptados pelos CIAM.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	10
2 – A CRIANÇA, A CIDADE, O MEDO E A PROTEÇÃO: DUAS CONTRIBUIÇÕES PRELIMINARES	19
3 - A CRIANÇA, A CIDADE E SEUS PROJETOS: UM OLHAR PRÓXIMO E UM DISTANTE	27
3.1. A experiência de Aldo Van Eyck e a conformação dos espaços de brincar como parte dos projetos urbanos	27
3.2 - Cidades Para Brincar	33
4 – CASOS DE REFERÊNCIA.....	38
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1 – INTRODUÇÃO

Inicialmente, busquei refletir sobre as condições de apropriação e uso dos espaços destinados às crianças, a partir do caso de um parquinho localizado em uma praça no bairro Bauxita em Ouro Preto (MG). É uma praça pequena, toda cercada com grades que, durante muitos anos, ficou trancada com cadeado e, atualmente, embora sem a tranca, permanece semi fechada.

Com a experiência de vida na cidade, percebi que em Ouro Preto existem vários espaços livres de uso público, que são utilizados com mais frequência apenas em épocas de eventos na cidade, pouco utilizados no dia-a-dia pelos moradores. Vários largos e praças no centro são utilizados de outras formas, como estacionamento, tanto para turistas quanto para moradores. Esses espaços, que poderiam ser para momentos de lazer e descanso, para prática de esportes, eventos sociais e recreação, acabam sendo esvaziados desse potencial e sentido de urbanidade.

O bairro Bauxita, onde encontra-se localizado o parquinho, na Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier, é um bairro mais recente comparado a outros bairros tradicionais da cidade e vem sofrendo mudanças.

Inicialmente com a chegada de um grande polo empresarial como a Eletro Química Brasileira S.A (ELQUISA) – hoje substituída pela HINDALCO – e, depois, com a formação do Campus da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Ao longo dos anos, a UFOP foi crescendo e, com isso, gerou um grande impacto na dinâmica urbana do bairro. Ocorreu uma grande intensificação da ocupação, um crescimento significativo de moradias e também de comércios, que continua até os dias atuais.

Por ter sido moradora do bairro, passando nele toda minha infância, comecei então a me questionar a respeito da não utilização desse espaço pelas crianças no passado e, nos últimos anos, sua subutilização como parque (mesmo por escolas que se encontram situadas próximo) e também os moradores, no restante da pequena praça. Durante a minha infância havia a inacessibilidade prática (com forte carga simbólica para uma criança) de uma cerca e um cadeado impedindo o acesso à área, em anos recentes a cerca permaneceu, mas o portão passou a ficar aberto. Assim, chama ainda a

atenção a cerca, que tem uma parte da carga simbólica de inacessibilidade, e os moradores ali da região também não utilizavam o espaço devido às condições de uso que ele oferece.

Os brinquedos estão quebrados, desgastados. Há presença de cavalos pastando no local, infestando a área com parasitas (carrapatos), oferecendo um risco à saúde. Além disso, faltam outros itens importantes de mobiliário urbano, como bancos e lixeiras. A seguir, algumas imagens, que ilustram as atuais condições de uso do parque infantil da Praça Doutor Benedito Xavier.

Figura 01 - Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier



Fonte: Raphaela Ponciano 2019

Figura 02 - Equipamento existente no parque infantil



Fonte Raphaela Ponciano – 2019

Figura 03- Equipamento existente no parque infantil Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier



Fonte Raphaela Ponciano – 2019

Figura 04- Equipamento existente no parque infantil Praça Doutor Benedito Gonçalves Xavier



Fonte Raphaela Ponciano - 2019

Figura 05- Equipamento existente no parque infantil



Fonte Raphaela Ponciano - 2019

A partir do caso do parquinho, o *tema* evoluiu para *uma pesquisa sobre a criança inserida no contexto urbano, procurando entender principalmente como os arquitetos e urbanistas lidam com os espaços de brincar na cidade.*

Pesquisei um conjunto de referências que abordam, em termos teóricos ou através de casos concretos, a experiência da criança no espaço urbano, *com o objetivo de contribuir para a definição de quais os principais pontos a ter em mente nos planos e projetos urbanos que propõem espaços destinados às crianças.*

Apesar de os espaços que são destinados para as crianças terem se tornado artefatos comuns em projetos arquitetônicos, hoje não é comum encontrar uma reflexão em trabalhos teóricos, que estudam e analisam esses espaços. Tal reflexão se destaca mais em outros campos do conhecimento que lidam com a temática, como, por exemplo, os espaços escolares na discussão da Pedagogia, espaços de lazer infantil na Educação Física, espaços públicos de uso livre em geral com um nível menor de abordagem da criança, entre outros.

No campo da Arquitetura e Urbanismo aqui no Brasil, este tema da criança inserida na cidade vem sendo recentemente abordado como objeto de estudo em novas experimentações, principalmente em projetos de extensão, mas ainda não se encontra um corpo teórico que seja consolidado e utilizado como fonte de pesquisa, em especial destinados aos cursos de graduação.

Nesse contexto, busquei fazer um resgate histórico da tematização dos espaços urbanos que são destinados à criança em Arquitetura e Urbanismo, em especial uma vertente que influencia a reformulação de modelos no chamado Movimento Moderno, que marca, de certa forma, o desenvolvimento da arquitetura brasileira (visto que, embora encontramos no Brasil um número restrito de realizações que adotaram de maneira explícita os modelos desse Modernismo, existe uma bibliografia ampla que demonstra que existe uma influência mais profunda e geral quanto ao desenho do campo e aos recortes e moldes teóricos e práticas de projetar e planejar).

Tal resgate ainda pode trazer contribuições, em um período em que se tem intensificado a redução de propostas de espaços infantis a uma produção

de uma série de parquinhos sofisticados, que acabam se tornando objetos de luxo e assim aprofundando as marcas da segregação de parquinhos de praças em áreas de luxo na cidade X parquinhos em praças periféricas; parquinhos em pátios de escolas públicas X parquinhos de escolas privadas, entre outros.

A questão da criança na cidade vem sendo retomada de várias maneiras, como o tema do direito da criança como sujeito de cidadania, incorporando-a em espaços de decisão, ou o debate sobre planos e projetos que dizem respeito à inclusão da temática da arquitetura e urbanismo também no ensino fundamental médio, além das diversas experiências e debates que envolvem espaços infantis em um contexto recente da expansão da extensão universitária em arquitetura e urbanismo. Os estudos das experiências realizadas em outros espaços e tempos são pertinentes à reformulação da temática no Brasil hoje, não com uma finalidade de restabelecer modelos, mas sim de lembrar algumas questões.

Entre as experiências atuais, escolhi para a revisão de literatura um projeto que se tornou um marco no retorno de pensamentos sobre a criança na cidade dentro de um campo do urbanismo, por se cristalizar em um livro, que vem circulando pelo país e que vem coordenando a concepção do tema e seu tratamento na produção de material didático específico para o ensino fundamental e médio (tornando-se um modelo segundo o qual as próprias crianças aprenderão a pensar a temática).

Nas ciências sociais e nas ciências que tratam do lazer, a questão dos espaços de brincar tem sido bem vez mais abordada que na arquitetura e urbanismo, ainda que a componente especificamente espacial esteja ausente ou seja tratada a partir de uma concepção diferente de espacialidade. Esta abordagem é também pertinente e a produção bibliográfica relacionada é bem mais extensa. Dentro dos limites do trabalho, propus um pequeno recorte, dentro desse conjunto de referências, que contribui para delinear (a) elementos envolvidos na justificativa mais recorrente para diminuição da apropriação de espaços urbanos como espaços transitórios do brincar, a insegurança, e (b) a complexidade da relação inseparável, para a criança, entre características físicas do espaço e experiências afetivas no espaço, que condiciona, para elas, sentidos e formas de uso e, principalmente, apropriação.

São pequenos elementos de um conjunto bem maior, que contribuem para demonstrar a importância de ampliar o olhar ao se tratar da criança na cidade, para além de áreas destinadas especificamente para brincar, com parquinhos e brinquedos.

Assim, fazendo um resgate de diversos espaços urbanos que são apropriados pelas crianças, dentro de um panorama visual, com casos encontrados no cotidiano ou até mesmo em textos de ampla circulação entre estudantes de arquitetura, é possível apontar preliminarmente alguns aspectos a serem colocados na reconstrução do debate quanto à criança na cidade na arquitetura e no urbanismo.

No trabalho, alguns autores estudados propõem ou trazem em seus textos exemplos especificamente de parques infantis e outros autores ou outras análises dos mesmos autores trazem outros casos, como High Line, que não envolve parquinho, porém são casos que envolve uma apropriação do espaço público para brincar, que acaba transformando a cidade, de forma geral, no espaço do brincar, em espaços que possuem áreas com segurança, sem tráfegos de carros.

O trabalho está organizado da seguinte forma: Inicialmente, em *A criança, a cidade, o medo e a proteção: duas contribuições preliminares*, eu apresento sinteticamente bibliografias que foram importantes para mim no desenvolvimento do trabalho de forma pontual. Em primeiro lugar, abordo, através de referências primárias e secundárias, a contribuição de Bauman, que traz a questão do medo na cidade. Embora algumas formas específicas do “medo” discutido por Bauman não se apliquem ao contexto brasileiro em geral (ou de Ouro Preto em particular), sua discussão sobre o medo como reflexão da condição urbana contemporânea tem sido utilizada como fonte diversos tipos de trabalhos no Brasil atualmente. No caso da minha pesquisa, ela ajuda a pensar sobre a insegurança de brincar na rua nos dias atuais, tanto nas situações com movimento intenso de automóveis, principalmente, mas também de pessoas quanto, ao contrário, nas situações de ruas muito vazias. E também ajuda a atribuir sentido às grades e cadeados colocados na praça que deu origem a esta reflexão, que foram sempre justificadas como “medida de segurança”.

Em segundo lugar, trago uma abordagem que começa no campo da educação e fica na transição para uma análise da espacialidade construída na vivência da criança. No livro *A criança e a cidade* (1989), a autora se dedica a espaços públicos voltados à educação da criança, relacionando educação e arquitetura, revelando grandes preocupações com projetos de parques em escolas. Mayumi de Souza Lima (1989), em sua pesquisa, traz elementos ligados à relação entre os sentidos do espaço na vida das crianças e as formas como elas vivenciam esses espaços. Ela analisa, também, outras esferas fundamentais da espacialidade da criança, como a casa e o parquinho perto da casa, nos seus aspectos simbólicos mais que nos “propriamente” arquitetônicos.

Os projetos e as reflexões especificamente sobre a dimensão arquitetônica e urbanística dos espaços destinados às crianças ou pelo menos que se dão aos seus usos e apropriações são objeto da seção seguinte, *A criança na cidade e seus projetos, um olhar próximo e um distante*.

Primeiramente, é apresentada a síntese de parte de uma pesquisa sobre o arquiteto Aldo Van Eyck, realizada por Joana Isabel Martinho (2014)¹, que trabalhou o tema da criança e propôs espaços urbanos lúdicos entre 1947 e 1978, na cidade de Amsterdã. Projetados ao longo de um período relativamente longo, os parques infantis projetados por ele ou sob sua influência explícita (neste caso, não apenas na Holanda), foram modificados ou recriados, segundo diversos tipos de situações e espaços, com uma alta qualidade arquitetônica com valor recreativo para as crianças.

Depois, é apresentado um trabalho que vem sendo desenvolvido no Brasil chamado Casa Cadabra, através do seu registro em um livro de mesmo nome. Pautado pela aproximação do aprendizado lúdico, o livro reúne propostas de atividades relacionadas à aprendizagem crítica da criança em

¹ MARTINHO, Joana Isabel Pereira, 2014. *O espaço para a criança na cidade um estudo crítico a partir da experiência de Aldo van Eyck* Dissertação de mestrado em Arquitetura. Cidade do Porto: Universidade do Porto.

² ANTUNES, Bianca; Antunes e SAYEGH, Simone Sayegh. *Casa Cadabra: Cidades para brincar*. São Paulo: Nome da Editora, 2018. Embora apresentem exemplos de diversas partes do mundo, as autoras residem e trabalham em São Paulo e veem desenvolvendo uma pesquisa em diversos lugares do Brasil, com diversas características diferentes, com vistas à produção de material escolar sobre arquitetura e urbanismo, através de parceria entre CAU/BR e MEC.

relação ao espaço urbano, trazendo uma abordagem do arquiteto em conjunto com o público infantil. Utilizando projetos públicos já existentes e transformando-os em espaços onde as crianças possam ter momentos de lazer dentro das cidades.

Em seguida, como *Casos de referência*, são apresentados alguns exemplos de espaços públicos, com ou sem parquinho, de uso permanente ou transitório, apropriados pelas crianças para brincar que chamaram a minha atenção, que trazem aspectos relevantes na conformação de espaços urbanos que consideram a inserção das crianças, de diferentes maneiras.

Por fim, nas *Considerações finais* delinheiro a percepção que tive a partir da pequena análise da revisão de literatura desenvolvida no decorrer do trabalho. Olhando novamente para o parquinho na Praça na Bauxita, entendo que, à violência prática e simbólica do cadeado e da cerca de anos atrás, atualmente, se somam outros aspectos de insegurança ligada à vida na rua e outra percepção de como e onde é o espaço-proteção e o espaço-liberdade. Como se configuraria essa Praça como problema de projeto urbano hoje? Não se trata apenas de substituir os brinquedos simples, antigos e desgastados por outros coloridos e com desenhos sofisticados. Nem de apenas tirar as cercas. Mais que respostas, essa pesquisa contribuiu para que eu fizesse perguntas, em especial, sob quais condições os espaços urbanos se dão de fato à apropriação das crianças? Me parece, hoje, que existem muitas cercas ainda por entender melhor e enfrentar nas intervenções urbanísticas que considerem as crianças na cidade.

2 – A CRIANÇA, A CIDADE, O MEDO E A PROTEÇÃO: DUAS CONTRIBUIÇÕES PRELIMINARES

As dinâmicas urbanas e as formas de uso e apropriação coletiva dos espaços públicos são temas comuns discutidos com alguma ênfase pelo menos desde o início do século XX, inicialmente tentando entender como aquele novo mundo urbano interferia nas pessoas. Atualmente, é possível perceber, inclusive no Brasil, nesses estudos, uma presença significativa do retorno a autores clássicos desse período, que teriam ainda contribuições no que se refere à compreensão da cidade contemporânea. Nesse contexto, MÜLLER (2014)², ao propor um marco teórico para fundamentar uma reflexão sobre as relações entre infância e cidade, apoia-se, inicialmente, em autores clássicos, como Simmel³. A autora também aponta a dificuldade da Sociologia para lidar com o tema “infância” em relação ao tema “cidade”, indicando alguns exemplos em autores de referência no campo, faz um contraponto entre como as relações entre criança e cidade podem ser tematizadas no campo da Psicologia e da Antropologia, com pouca ênfase a uma dimensão propriamente urbana – e por isso também a importância de retornar a Simmel. A partir dessas comparações, a autora formula sua questão, inicialmente, dessa forma:

“Baseado nas reflexões emitidas até aqui consideramos que discutir a relação entre infância e cidade pressupõe o espaço urbano como elemento formador da individualidade das pessoas simultaneamente à construção de sua autonomia. Nesse processo, o essencial é agregar à

² MÜLLER, Fernanda; NUNES, Brasilmar Ferreira. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, n.º. 128, p. 629-996, jul.-set, 2014.

³ “A Sociologia Urbana vem buscando ultrapassar as alternativas teóricas já tradicionais, partindo de uma perspectiva que se aproxima daquela sugerida por Simmel (1974), para quem a cidade era sobretudo um lugar de alteração da dimensão cognitiva do cidadão. É interessante lembrar como Simmel toma por objeto de reflexão a relação sociedade vs. indivíduo. Para ele essa relação se caracteriza por um vaivém constante entre o individual e o social, através daquilo que ele chama de “ação recíproca”, isto é, a influência que cada um exerce sobre o outro. Para Simmel (1974), o indivíduo e o social não são dados fixos, mas “formas moventes”, e daí porque ele prefere tratar de socialização ao invés de sociedade”. (MILLER, 2014, p.667)

análise a proximidade que a cidade impõe e os seus impactos nessa dupla tarefa de individualização e socialização que é qualitativamente diferente no meio urbano. É nas cidades que o jogo classificatório entre indivíduos e grupos, que cria os status sociais, se manifesta claramente; é nesse jogo entre proximidade física e distância social que os efeitos da coabitação no espaço da cidade se apresenta com mais evidência, apontando assim para a variável física da aglomeração que passa a intervir nos processos interacionais”.

Com essa interpretação do problema da infância na cidade, Müller chega a uma autora mais conhecida dos urbanistas, e que também tem sido bastante retomada, Jane Jacobs:

“Ao analisar aspectos do cotidiano das cidades americanas nos anos 1940/1950, Jacobs (1992) apresentou equívocos em seu planejamento, sobretudo quando se organizam em fragmentos e buscam a homogeneização. A autora chama a atenção para a inclinação dos adultos tomarem os parques como lugares protegidos para as crianças, em contraposição à rua (MÜLLER, 2014, p.669)”.

Na construção de sua proposta de abordagem para a temática da infância na cidade nas ciências sociais, a autora traz pelo menos dois pontos importantes para pensar essa temática no urbanismo, um é a ideia de que a cidade interfere na vida mental dos indivíduos e outro é que o “resultado” dessa interferência pode trazer comportamentos que mudam um pouco a cidade e interferem de outras formas na vida mental. Isso pode resolver, criar ou piorar problemas. No caso das crianças, a preocupação com o ordenamento e com a segurança dos espaços leva à criação de espaços homogêneos, que são empobrecidos. Se isso ocorria no período em que Jane Jabobs começou a escrever sobre o tema, nos Estados Unidos, atualmente essa sensação de insegurança e essa busca de controle estão ainda piores, e ocorrem tanto em metrópoles quanto cidades médias, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. E isso interfere nas possibilidades oferecidas às crianças para uso e apropriação de espaços da cidade como espaços de brincar.

No livro *Confiança e Medo na Cidade*, Bauman argumenta que a cidade contemporânea é exposta ao medo e insegurança e que tal aspecto é

reforçado pelo fato de a sociedade buscar tudo que visivelmente traz segurança contra tudo o que lhe parecer perigoso e estranho. Para o autor, a cidade vem cada vez mais sendo marcada pelo medo e pela insegurança das pessoas, elas não conseguem encontrar um lugar lhes traga segurança. Bauman vê a sociedade de hoje em dia como mais fechada e complexa, completamente contraditória, vulnerável e frágil.

Nascimento (2009)⁴, inicia sua reflexão sobre infância e cidade se referenciando em Bauman⁵ para apontar como o medo e a insegurança da sociedade atual, particularmente em relação aos espaços coletivos, aparta a criança de convívios que são fundamentais na sua formação:

“A mobilidade urbana da infância é limitada devido às transformações decorrentes do processo de urbanização – aumento do número de carros, crescimento populacional, aumento da violência, etc. Sendo assim, os espaços públicos são privatizados pela ‘procura infinita de proteção e insaciável aspiração à segurança’ (Bauman, 2005, p.11)” (NASCIMENTO, 2009, p.37).

A partir dessa primeira aproximação às ciências sociais, portanto, é possível perceber que a riqueza da experiência das crianças na cidade é limitada por condições que não dependem simplesmente da existência ou não de espaços que elas poderiam utilizar, mas também da ideia social sobre aquilo que é seguro ou que produz medo, uma ideia que vem, principalmente, dos adultos. Com essa sensação de insegurança, os espaços destinados às crianças passam depois a ser fisicamente modificados de diversas formas.

Mas, enquanto, então, para os adultos, a sensação de medo, hoje em dia, é quase generalizada, para as crianças, esse sentimento não acontece da mesma forma. Trazendo a segunda contribuição das ciências sociais para pensar as crianças na cidade em termos de urbanismo, em *A cidade e a criança* (1989), Mayume demonstra que a proteção, a alegria e o medo

⁴ NASCIMENTO, Nayanna Brettas. *A cidade (re)criada pelo imaginário e cultura lúdica das crianças: um estudo em sociologia da infância*. Tese de doutorado. Universidade do Minho. A autora desenvolveu sua tese em Portugal como reflexão de casos brasileiros, em algumas cidades do Estado de São Paulo, como Carapicuíba e São Paulo e aponta que espera que sua reflexão traga contribuições ao planejamento urbano.

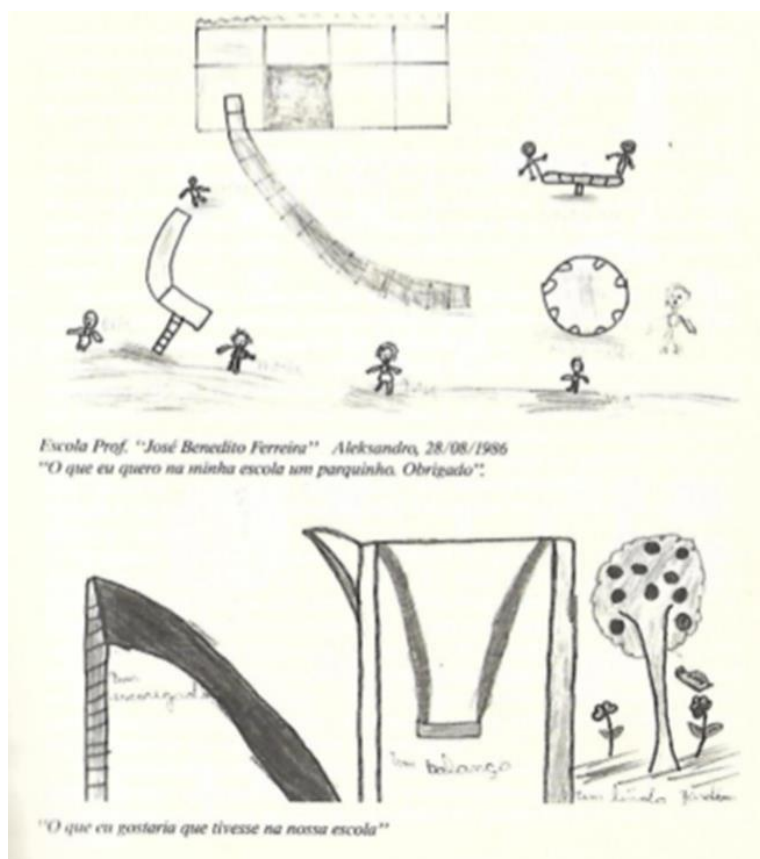
⁵ Bauman não pode ser considerado uma das principais referências da autora, ele é utilizado por ela no início do trabalho, na conformação inicial do seu problema de pesquisa.

caracterizam o espaço a partir de experiências cotidianas concretas, que formam a percepção das crianças sobre os espaços.

Através de sua pesquisa com crianças⁶, Mayume conclui então que para a criança existe o espaço-alegria, o espaço medo, o espaço-proteção.

Os parques nas escolas e os pátios dos conjuntos de prédios que eram desenhados pelas as crianças representavam o espaço alegria, lugar onde elas se sentiam felizes dentro da escola, lugar de encontro com os amigos e de brincadeiras. Como nas figuras abaixo:

Figura 06 Ilustração do espaço de brincar na escola



Fonte Lima 1989

⁶ A faixa etária das crianças que Mayumi trabalha, e também a maioria dos casos e referências citados, é a mesma faixa etária que trago na minha reflexão, que trata das crianças que já são um pouco mais independentes, que brincam na rua, e não com crianças bem pequenas (que são consideradas bebês até dois anos de idade) e nem de crianças na primeira infância. A minha reflexão se refere a partir da segunda infância, a partir dos 06 anos de idade.

Figura 07 – O bairro onde eu morro



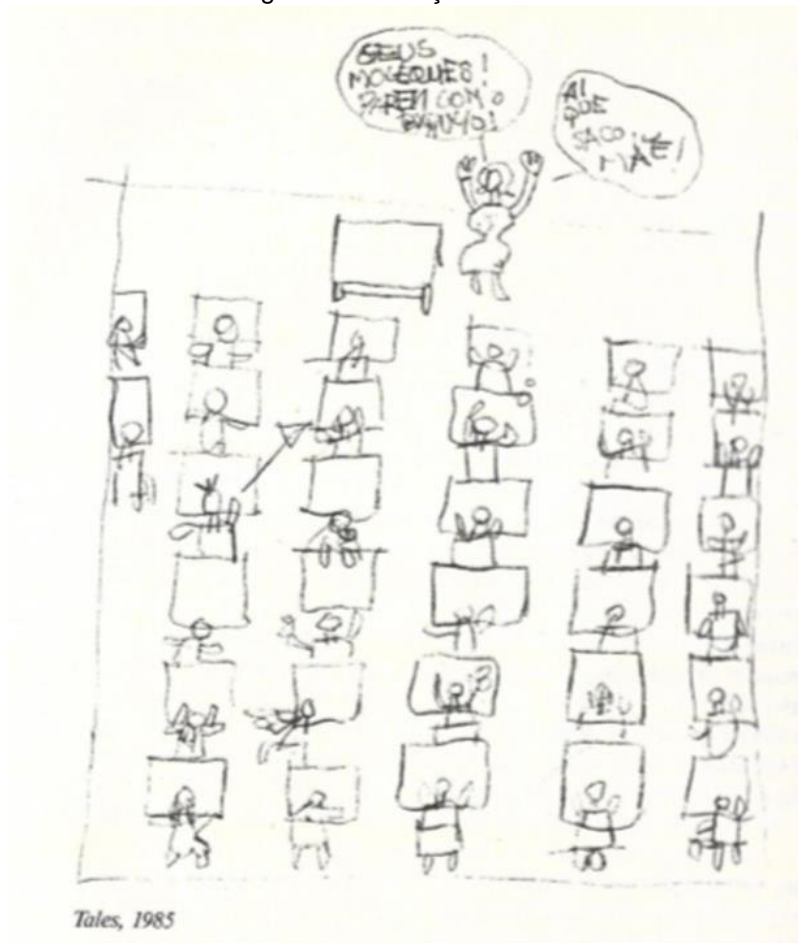
Fonte Lima 1989

O espaço medo era dentro das salas de aula, a autora argumenta que esse espaço pode ser também um mecanismo de poder. Ela relata elementos particulares que constituem o espaço como prática de poder dos adultos no espaço da escola. Mayume diz no livro que

o espaço escolar não poderia ser outro: desinteressante, frio, padronizado e padronizador, na forma e na organização das salas, fechando as crianças do mundo, policiando-as, disciplinando-as" (MAYUMI, Souza, 1989 p.38).

A ilustração abaixo representa o espaço medo, que é dentro da sala de aula, onde os crianças tinham esse sentimento de medo. Na figura 23 uma criança ilustra como seria esse espaço, a ilustração traz detalhes curiosos do olhar da criança, onde ela desenha a professora chamando atenção dos alunos com um ar de autoridade, outra característica curiosa e como criança desenha o espaço deles dentro de sala de aula, todas as crianças nas suas carteiras alinhadas e enfileiradas.

Figura 08 Ilustração do Tales



Fonte Lima 1989

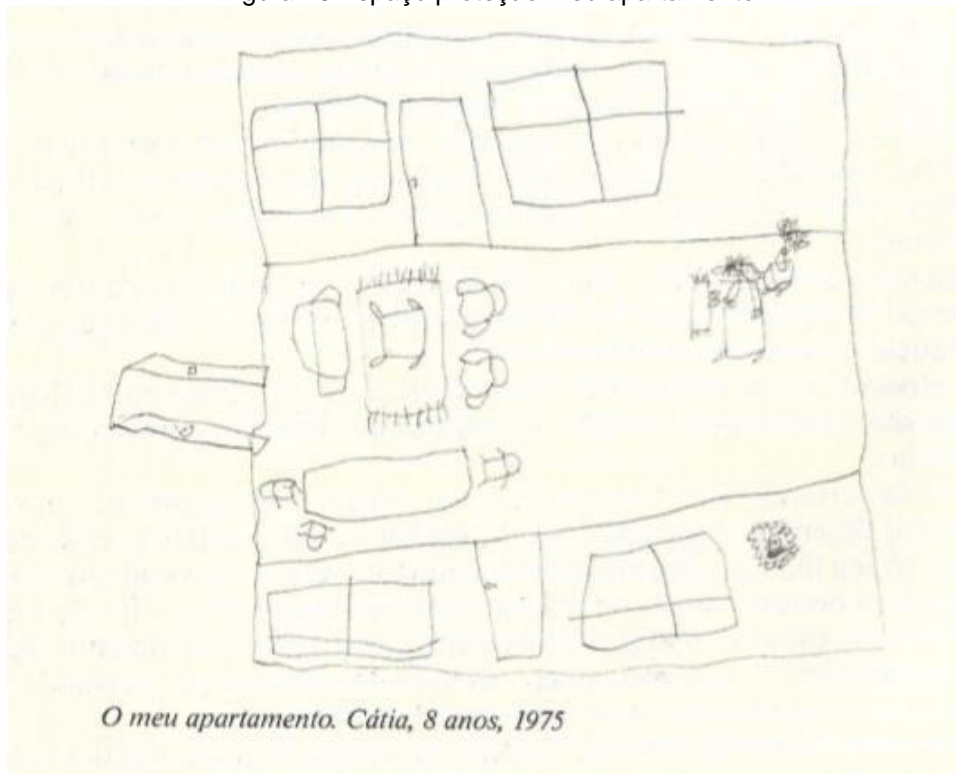
Figura 09 As crianças nas carteiras em filas



Fonte Lima 1989

Um outro espaço interessante que a autora traz no livro é o de proteção, onde as crianças trazem ilustrações do bairro e de suas casas, representando então o espaço onde elas se sentem mais protegidas, que é o espaço que elas dividem com sua família.

Figura 10 Espaço proteção meu apartamento



Fonte Lima 1989

A pesquisa de Mayumi (1989) traz um elemento interessante à minha reflexão ao apontar uma certa inversão, na criança, da relação de medo e proteção com o espaço e a espacialidade: o controle que os adultos almejam está mais próximo, para as crianças, do espaço-medo, enquanto os espaços da liberdade, da criatividade, dos encontros, que, para elas, é o espaço-alegria, são, muitas vezes, os espaços-medo dos adultos, que eles modificam, evitam, destroem. O que faz o espaço-proteção para as crianças é o aspecto da familiaridade, que está mais associada ao que tem do que àquilo que foi tirado (a “ameaça”).

Com isso, é possível voltar ao trabalho de Müller, que conclui, também a partir de uma referência:

“Por fim, retomamos o argumento de que cidades podem oferecer experiências ricas às crianças, e para isto, as mais diferentes interações são fundamentais. Ward (1978) e Jacobs (1992) se alinham quando criticam a cidade fragmentada, que exclui o encontro de diferentes grupos e pessoas. Ward (1978, p. 204) reitera a busca pela ‘cidade compartilhada’ entre adultos e crianças, e novamente concorda com Jacobs ao afirmar que ‘a verdade última é que crianças brincam em qualquer e todo o lugar’ (MÜLLER, 2014, p.670)”.

Esses apontamentos, assim, colocam duas questões ao urbanismo: o primeiro é que as intervenções urbanas – os projetos e as regras de uso do espaço – tendem a diminuir as possibilidades que as crianças trazem consigo de transformar qualquer espaço em espaço do brincar. O segundo é que esse potencial não exclui a relação das crianças com brinquedos especificamente definidos e oferecidos como brinquedos (aspecto mais fácil de perceber nos desenhos analisados por Mayumi) e, portanto, se os brinquedos dos parquinhos não são, de maneira alguma, o elemento central do brincar na cidade, eles também não são irrelevantes e, por isso, são também elementos de projeto.

3. A CRIANÇA, A CIDADE E SEUS PROJETOS: UM OLHAR PRÓXIMO E UM DISTANTE

3.1. A experiência de Aldo Van Eyck e a conformação dos espaços de brincar como parte dos projetos urbanos

Em sua tese, intitulada *O espaço para a criança na cidade: um estudo crítico a partir da experiência de Aldo van Eyck*, Joana Martinho (2014) traz um resgate do trabalho deste arquiteto, inserindo-o também nas particulares do espaço e do tempo em que esse trabalho se desenvolveu. Dentro dos limites da minha pesquisa, destaquei os elementos que contribuem diretamente para pensar alguns aspectos dos projetos urbanos de parquinhos, em termos da configuração física dos brinquedos e dos tipos de brincadeiras orientadas experimentados. Os projetos de Van Eyck compartilham parcialmente dos tempos e espaços das propostas de Herman Hertzberger e de Jan Gehl, no entanto, esses dois são bastante mais estudados no Brasil como fontes de aprendizado sobre alguns recursos de projeto.

Van Eyck trabalhou de uma forma interessante elementos simples e de baixo custo, em composições que envolviam as crianças de várias formas diferentes, na produção e na utilização dos espaços. Seus projetos despertaram nas crianças um grande interesse pelos seus parques, estimulando sua imaginação. Em alguns casos, as próprias crianças criavam até mesmo os seus objetos de brincar.

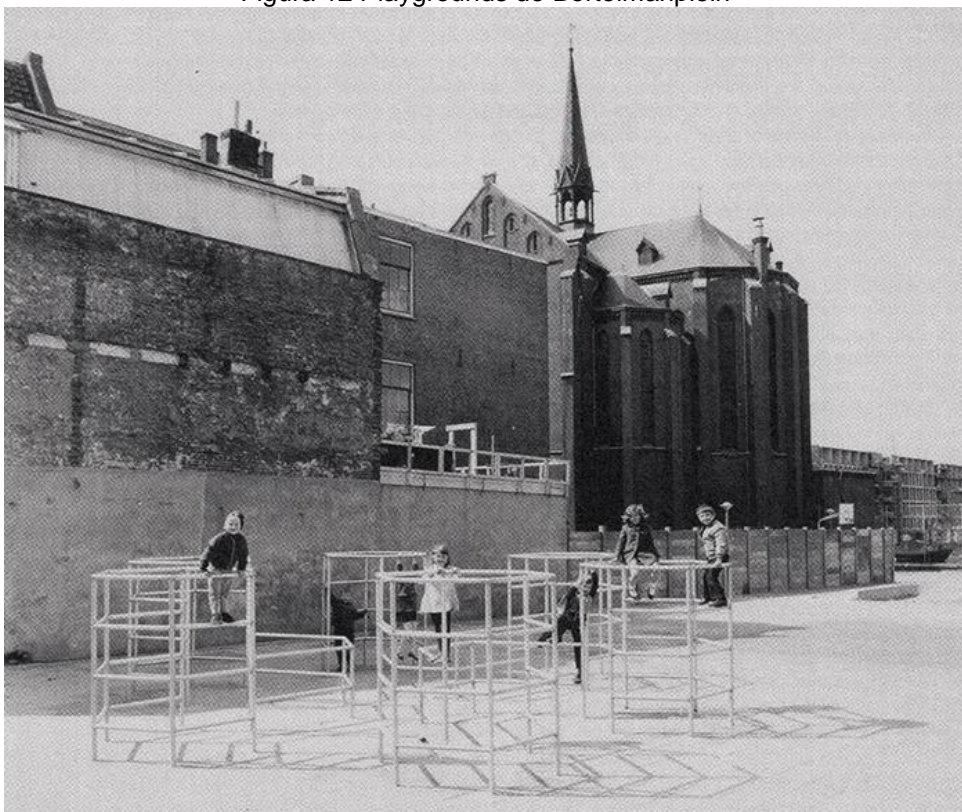
Utilizava elementos simples, como caixa de areia, estruturas de barra de ferro, elementos de paisagismo com árvores e bancos. Ao longo de diversos, projetos o arquiteto desenvolveu uma variedade de composições. Abaixo algumas imagens de seu primeiro projeto.

Figura 11 terreno do Playgrounds de Bertelmanplein



Fonte Demerijin

Figura 12 Playgrounds de Bertelmanplein



Fonte. Arquivo Municipal da Cidade de Amsterdam

Figura 13 -Playgrounds de Bertelmanplein



Fonte Demerijin

Nos parques infantis, a atividade de jogo incentiva sempre a participação da criança, trazendo para o espaço a criatividade, com brincadeiras criadas pelas crianças. Os tipos de parques infantis descritos a seguir que demonstram como era esse espaço onde as próprias crianças criavam e imaginavam os seus próprios elementos de brincar:

Os *Junk playgrounds*, que geralmente eram construídos em terrenos baldios, onde eram descartados restos de materiais como tijolo, corda, madeira, arrame, pneus, redes, estaleiros entre outros. As crianças utilizavam esses materiais para construir seus próprios brinquedos. Van Eyck percebe então que as crianças tinham mais interesse nos espaços vazios onde encontravam elementos para criar seu próprio objeto de jogo, espaço que despertava nelas a criatividade, passando nelas a maior parte do dia.

Figura 14 Junk playgrounds (Skrammellegeplads) em Emdrup, Copenhaga, 1943



Fonte Joana Isabel 2014

“A liberdade que era concedida à criança na criação do junk playground e dos equipamentos de jogo nele presentes, era considerada crucial para o desenvolvimento da sua criatividade, consistindo num dos aspectos mais inovadores em relação aos parques infantis mais convencionais que existiam nessa altura”. (MARTINHO, 2014, p. 21)

O arquiteto tinha uma crítica com relação aos equipamentos tradicionais, que muitas das vezes eram repetitivos e não proporcionavam a criatividade da criança, diferente do *Junk Playground*, que dava às crianças toda liberdade para o jogo.

Outro exemplo são os *Robinson [Crusoe] playgrounds*, que se destacavam pelo modo de construção, oferecendo diversas possibilidades de atividades para crianças de diversas idades. Com atividades artísticas, como apresentações teatrais e musicais, trabalhos de artesanatos e jogos em equipes como o jogo de tabuleiro. Para Joana Martinho o *Robinson [Crusoe] playgrounds*

“Tinham um aspecto particular destes parques era a sua relação com a Natureza e com os elementos naturais, visível nos pequenos jardins informais onde se aprendiam técnicas de jardinagem e nos zoológicos improvisados que permitiam a interação com animais domésticos e/ou de pequeno porte. Também era frequente a existência de piscinas rasas que possibilitavam a inclusão da água como elemento de jogo. (MARTINHO, 2014, p. 25)

O parque proporcionava para as crianças possibilidades de interação social, oferecendo para elas além de momentos de lazer o contato com a cultura, que acabavam contribuindo para o desenvolvimento das crianças.

Figura 15 Robinson playground em Zurique, Suíça, 1955-1960



Fonte Joana Isabel 2014

Figura 16 Robinson playground em Zurique, Suíça, 1955-1960



Fonte Joana Isabel 2014

Van Eyck tratava as praças como um lugar com potencial de encontro de pessoas de diferentes idades e classe sociais, onde usavam o mesmo espaço para momentos de lazer.

Algumas ilustrações de praças projetadas por Van Eyck.

Figura 17 Jacob Thijssseplein, 1950



Fonte Joana Isabel 2014

Figura 18 Van Hogendorplein, 1955



Fonte Joana Isabel 2014

Os playgrounds e praças projetados por Van Eyck captavam elementos fundamentais que atraíam as crianças para o espaço, o arquiteto tinha a sensibilidade de captar os desejos da criança incorporá-los em seus projetos arquitetônicos e urbanísticos, trazendo a criança para dentro da cidade e dando a ela a liberdade de construir seus próprios parques explorando sempre a criatividade no espaço de brincar.

Através desse modo simples e ao mesmo tempo funcional os projetos do arquiteto influenciou depois o modo de se projetar espaços para crianças dentro do movimento moderno, vindo influenciar outros autores em contextos diferentes.

3.2 - Cidades Para Brincar

Antunes e Seyegh (2018) analisam espaços públicos pelo mundo, com base em viagens de estudos, que consideram representativos para refletir sobre os princípios e métodos que podem orientar a concepção de espaços públicos urbanos voltados à riqueza de uso e que alguma forma incentivam a apropriação pelas crianças. O trabalho incentiva os leitores a compreenderem as cidades como algo vivo e aberto a atividades de brincar tornando-se, também, um lugar de aprendizado e encontro.

Um dos exemplos que o livro traz é o High Line, Nova Iorque, com intuito de mostrar a cidade que passa por transformações. Com ideia de aproximar o espaço urbano do cotidiano das crianças, elas reelaboram as formas de olhar e descrever espaços como esse, trazendo exemplos pelo mundo que facilitam uma abordagem mais lúdica, trazendo boas histórias e aprendizado.

Figura 19 – High Line



Fonte: Luísa Amoroso, ilustração do livro Casa Cadabra.

Projetado em 2009, o High Line é um exemplo que demonstra um projeto que envolve um investimento e reestruturação urbana ligada ao mercado, é um projeto sofisticado (também destacado por LING⁷ como exemplo bem-sucedido de espaço público gerido pela iniciativa privada). Apesar de, na prática, o efeito do destaque ao projeto no livro tenha muitas semelhanças com aquele almejado por Ling, pelo menos a princípio, os objetivos das autoras, ao descrevê-lo estão mais relacionados a encontrar um caso didático para demonstrar a ideia de transformação no espaço urbano para crianças e adolescentes.

A seguir, algumas imagens que mostram como é o High Line hoje em dia, com toda a sua sofisticação.

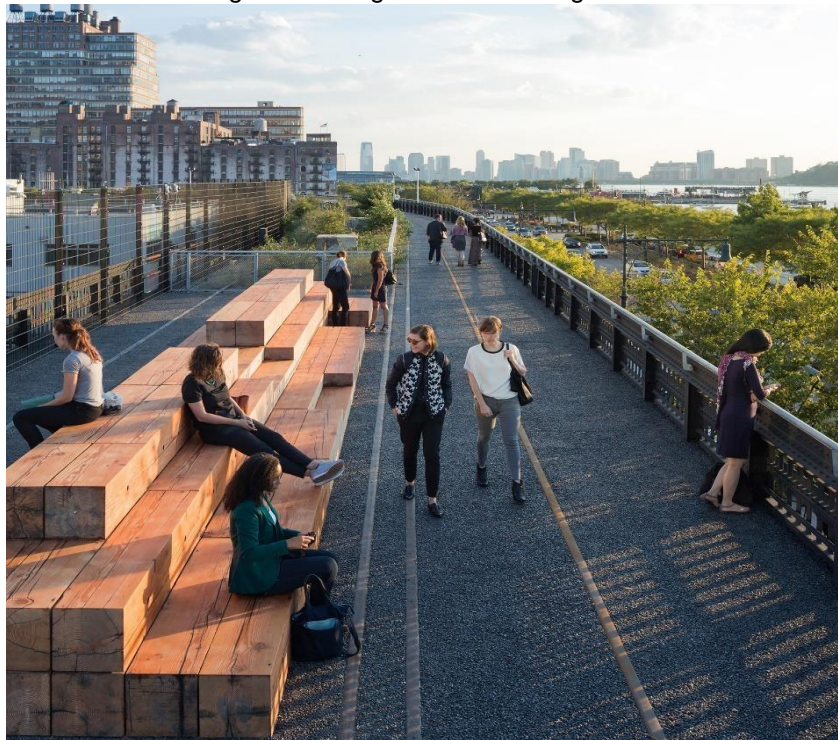
Figura 20 Imagens atuais do High Line



Fonte David Berkowitz

⁷ LING, Anthony. *Os 10 melhores espaços públicos de iniciativa privada*. Caos Planejado (website). 2015. Disponível em <https://caosplanejado.com/os-10-melhores-espacos-publicos-de-iniciativa-privada/>.

Figura 21 Imagem atuais do High Line



Fonte David Berkowitz

Os exemplos do livro Cidades para brincar são heterogêneos, outro deles é a Avenida São Paulista, que é simplesmente uma destinação exclusiva e transitória da rua para uso e apropriação do espaço para lazer e permanência, com proibição de transito de automóveis.

Figura 22 Avenida Paulista



Fonte: Luísa Amoroso, ilustração do livro Casa Cadabra

A avenida Paulista é fechada para o trânsito de automóveis aos domingos e feriados, acontecem por toda a extensão da avenida atividades culturais e de lazer, um espaço dentro da cidade que é utilizado por toda comunidade misturando diferentes tipos de classes.

Figura 23 Imagens atuais da avenida São Paulo



Fonte Chek in São Paulo

Espaço onde as pessoas usam para fazer atividades, andar de bicicleta, lugar onde as crianças fazem brincadeiras e tem também acesso a atividades artísticas, avenida vira nos fins de semanas e feriados um parque.

Figura 24 Atividades realizadas na Avenida Paulista



Fonte Renato Lobo

Figura 25 Crianças pulando corda



Fonte Rede Esporte Pela Mudança Social

Os projetos de Van Eyck estão sempre ligados a percepção da criança nos espaços urbanos, com propostas, com um grande valor recreativo para as crianças e também de alta qualidade arquitetônica, com simples elementos de composições

Já os espaços como o High Line apesar ser também em espaços destinados ao de brinca ele traz captura do mercado por projetos extremamente sofisticados e quando se trata de espaço para criança espaços sofisticados e caros, que acabam se tornando sistemas muitos cenarizados de produção e apropriação do espaço voltados para a alta renda.

4 – CASOS DE REFERÊNCIA

A praça Gomes Freire em Mariana / Mg também conhecida como jardim de Mariana é um exemplo de espaço destinado para criança dentro da cidade, onde a praça traz para os moradores e turistas momentos de lazer. Com paisagismo por toda a sua extensão, pequenos lagos de peixes, bancos em meio as sombras e um coreto, a praça convida as pessoas para usufruírem de seus espaços e é rodeada por comércios

Figura 26 Praça Gomes Freire



Fonte Well Ferreira

Além do espaço destinado ao de lazer ao ar livre a praça é palco para diversas manifestações sócias, e festas da cidade. Já nos finais de semana no período da noite a praça é um local de encontro para os jovens da cidade onde usufruem dos usos da praça. Atualmente, a praça continua sendo um dos pontos importantes da cidade, um local de grande convívio social dentro da cidade de Mariana.

Figura 27 – Atividade do dia da leitura na praça



Fonte Clube Osquindô

Em épocas como agora de natal a praça é enfeitada com as luzes de natal, atraindo ainda mais moradores e turistas para a praça, e encantando os olhos das crianças que passam pelo local.

Figura 28 – Luzes de natal



Fonte: Fundação Renova

Já a praça da Estação em Belo Horizonte MG tem um projeto chamado Praia da Estação muito interessante que atrai não só as crianças, mais toda a população para a praça. O projeto surgiu através de um decreto lançado pelo

prefeito da cidade em 2010, onde proibia a realização de eventos nos espaços públicos da cidade. Com o propósito de que os eventos que fossem realizados nas praças e parques públicos da cidade, teriam que passar por uma verificação para que pudessem ser realizados. Insatisfeitos com a posição do prefeito um grupo de jovens da cidade teve a ideia de criar uma intervenção urbana para mudar tal decisão.

Figura 29 – População se refrescando no evento da Praia na Estação



Fonte Stephanie Mendes, 2018

O evento criou então na Praça um cenário de praia, onde toda a população usufruía do espaço com muita música e lazer. Espaço usado pelas crianças e população para se refrescarem nas fontes da praça nos dias de calor. Hoje em dia o evento vem crescendo cada vez mais dentro da cidade e atraindo cada vez mais a população para a praça.

Figura 30 Criança espantando o calorão na Praia da Estação



Fonte: Reprodução/TV Globo

Por um lado hoje temos uma captura do mercado por projetos muito sofisticados, então quando eu trato no trabalho de espaço para criança, encontro espaços sofisticados, caros que acabam se tornando um sistema de produção e apropriação do espaço.

Figura 31 Exemplos de brinquedos



Fonte Freeimages



Fonte Raphaela Ponciano

Enquanto a experiência das pesquisas históricas pode ser revisitada, demonstrando que na verdade o que falta para a criança de espaço e cidade não é isso, existe uma outra via de pensarmos os espaço para criança que foge ou não, necessariamente seja ela capturada por essa lógica de mercado. E sim questões mais soltas como a praça gomes Freire em Mariana, a Praça da Estação em Belo Horizonte com o evento Praia das Mina citado, espaços que permitem uma apropriação do espaço mais livre.

Figura 32 Crianças brincando na rua



Fonte Fonte Mariana Sgarioni

É muito mais o significado do espaço para as crianças, pois percebi que o que falta na verdade na cidade e na vida da criança é não ter espaços livres. Assim as formas mais antigas do debate como os projetos do arquiteto Van Eyck onde trouxe uma nova forma para pensar o espaço tempo da criança na cidade com o mundo contemporâneo. Hoje em dia os parques estão cada vez mais modernizados, com isso acaba se perdendo a essência do que era antes.

Figura 33 Crianças brincando em estruturas metálicas e fonte de água em Bernhardpark, 1968



Fonte Fonte Joana Isabel 2014

Figura 34 Crianças se refrescando em fonte de praça em Belo Horizonte



Fonte Natalia Lelis

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todo o empobrecimento dos espaços públicos em Ouro Preto em um modo geral, como retrabalhar o ponto de vista da criança, podendo enfim construir uma outra geração que venha a ter uma outra relação com o espaço público?

Os parques projetados por Van Eyck e sob sua influência estão mais ligados a não ter uma prescrição do uso do espaço, pois eles oferecem mais para as crianças a questão do livre brincar. A pesquisa e a análise geral das referências contribuíram para entender que um desafio aos projetos urbanos voltados às crianças é ao mesmo tempo qualificar melhor e garantir espaços para as crianças brincarem na cidade, porém sem engessar a brincadeira.

Por um lado, hoje temos uma captura do mercado por projetos extremamente sofisticados e quando se trata de espaço para criança quando vimos por exemplo o High Line, Nova Iorque vemos espaços sofisticados e caros, que acabam se tornando sistemas muito cenarizados de produção e apropriação do espaço voltados para a alta renda. O caminho da prescrição do uso é o que está sendo seguido muito hoje, são os parques cada vez muito mais sofisticados com desenhos arquitetônicos que trazem uma imitação de desenhos que a criança faz.

Por outro lado, muitas vezes, a apropriação de espaços da cidade como espaços de brincar de fato demanda algum nível de intervenção, seja na sua estrutura física, seja nas maneiras de gerir e de ordenar usos e fluxos. Da mesma forma, os brinquedos contribuem para incentivar o uso dos espaços pelas crianças e definir identidades de apropriação.

Os desafios específicos de tematizar a criança na cidade como problema de planejamento e projeto urbano se definem, também, dentro dos desafios mais amplos da cidade contemporânea, como a distribuição desigual de equipamentos e de formas de gestão, os problemas de mobilidade e a segregação. Em relação às particularidades dos projetos, coloca-se o desafio de qualificar os espaços para as crianças sem se limitar a reproduzir um

conjunto mais sofisticado ou menos sofisticado de brinquedos que, sozinho, não é suficiente para estabelecer as interações e permanências que qualificam os espaços de brincar urbanos como formadores do indivíduo social.

Nos mapas mentais que as crianças fazem a ênfase está no que o espaço significava para elas. Assim o que falta na verdade na cidade e na vida da criança inteira é que as crianças hoje quase não têm tempo e nem espaços livres, então o que proponho com esse trabalho é que essas formas mais antigas do debate são atuais e trazem novas formas para pensar o espaço tempo da criança na cidade no mundo contemporâneo. As coisas que vêm sendo discutidas hoje sobre a criança e o brincar na cidade estão, em muitos casos, caminhando para uma prescrição espaço-temporal que restringe usos e sentidos, assim trago para a pesquisa arquitetos que trabalharam com uma lógica completamente diferente.

Em um caso como o do parque infantil da Praça que motivou essa pesquisa, quais seriam de fato os elementos de uma possível intervenção, levando em conta as limitações de disponibilidade espaço-temporal e financeira (o bairro Bauxita é cada vez menos habitado por famílias de Ouro Preto e por famílias com crianças) para frequentá-lo, a necessidade de uma gestão urbana que valorize a promoção de atividades nesses espaços, os problemas de custo ligados à intervenção e à manutenção?

As “cercas” dos parques infantis hoje são muitas e têm diversas naturezas. Se, como a citação que coloquei anteriormente neste trabalho afirma “criança brinca em todo e qualquer lugar”, talvez seja necessário restabelecer um debate isso ocorra com o apoio e incentivo do urbanismo, e não apesar dele.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Bianca; SEYEGH, Bianca. Casa Cadabra: Cidades para brincar. São Paulo: Pistache Editora, 2018.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Singularidade e igualdade nos espaços públicos. Revista do Arquivo Público Mineiro. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ano 1, n. 1. P.

BARATTO, Romullo. 12 critérios para determinar um bom espaço público. 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>. Acesso em: 14/04/2019.

BRETTAS, Nayana. A cidade (re) criada pelo imaginário e cultura lúdica das crianças. Tese de Mestrado, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e Medo na cidade. Rio de Janeiro, 2009

FREITAS, Jéssica. Espaços coletivos da serra de Ouro Preto, um estudo de caso: Bairro Veloso (Trabalho Final de Graduação -1. Arquitetura e Urbanismo). Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

GEHL, Jan; Cidades Para Pessoas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.

HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 2ª edição.

MARTINHO, Joana. O espaço para a criança na cidade. Um estudo crítico a partir da experiência de Aldo van Eyck. Dissertação de mestrado, universidade do Porto, 2014

MAYUMI, Souza. A Cidade e a Criança. São Paulo, Nobel 1989.

SANTUCCI, Jô. As relações entre espaço público e privado. [2008]. Disponível em: <<http://www.ceap.br/artigos/ART24022010183415.pdf>>. Acesso em: 03/06/2019

ARAÚJO, Alice Viana. de Espaços livres de uso público em Ouro Peto-MG: [manuscrito]: heranças históricas, desafios contemporâneos (Tese de doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

Caos Planejado. Disponível em <https://caosplanejado.com/os-10-melhores-espacos-publicos-de-iniciativa-privada/>. Acessado em 13/06/2019.

<https://www.archdaily.com.br/br/923962/os-espacos-livres-da-cidade-e-a-liberdade-das-criancas-novos-caminhos-para-a-infancia-ao-ar-livre>. Acessado em 17/09/2019.

<https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/>. Acessado em 22/09/2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TERMO DE ENCAMINHAMENTO DE TRABALHO DE CURSO 2

Nome do(a) Aluno(a) RAPHAELIA CRISTINA PONCIANO GOMES Nº de matrícula 1320983

Título do trabalho

A criança e o Brincar no espaço urbano.

Orientador(a) NATÁLIA LELIS

Eu, professor(a) NATÁLIA LELIS, encaminho para avaliação final da disciplina TFG 2 (ARQ 381) o Caderno de TC, elaborado pelo(a) aluno(a) acima identificado(a), sob minha orientação. Declaro que o(a) aluno(a) foi frequente em mais de 75% das orientações.

Orientador tem conhecimento

Ouro Preto, 29 de novembro de 2019

Natália Lelis

Assinatura do(a) Orientador(a)